

# personagem

MÁRCIA CABRITA DIZ QUE TER ENFRENTADO UMA DOENÇA ASSUSTADORA A FEZ REPENSAR ATITUDES E TENTAR SER MAIS FELIZ



## “Hoje eu falo mais ‘nãos’ ”

**E**m março de 2009, a atriz Márcia Cabrita estava às vésperas da estreia da peça *Tango, Bolero e Cha Cha Cha* quando recebeu o diagnóstico de câncer no ovário. A notícia logo mostrou uma nova e dura realidade para a comediante: ela teve que iniciar imediatamente o tratamento quimioterápico para, em seguida, ser submetida à cirurgia. “Foi horrível. Eu achei que iria morrer logo. Fiquei com muito medo, com pensamentos ruins... Foi muito difícil”, admite.

A produção do espetáculo adiou a estreia da peça por duas semanas, com a esperança de que Márcia pudesse atuar na apresentação inaugural. Foi o atraso no início da temporada e a entrada de uma substituta na montagem que tornaram público seu problema de saúde. “As pessoas me perguntavam por que eu não iria mais fazer a peça. O produtor chegou a indagar se eu queria mentir sobre o motivo. E eu respondi: ‘Por que eu vou mentir? Eu não fiz nada’. Aí, todo mundo soube. Se eu não estivesse na peça, acho que ninguém saberia”, acredita.

Márcia conta que o diagnóstico de câncer foi totalmente inesperado. A doença foi identificada durante cirurgia para retirada de um cisto – que, na verdade, era um tumor maligno. A atriz, então, precisou passar por um primeiro período de quimioterapia para, em seguida, ser submetida à cirurgia de remoção do órgão. Depois da operação, outra etapa de quimioterapia, num total de oito meses de tratamento. A boa notícia – apesar de a doença não ter sido descoberta em fase inicial – foi o prognóstico de cura, que se confirmou.

Fora da peça até a cirurgia, Márcia Cabrita voltou gradativamente ao trabalho logo que teve condições de atuar – ainda durante a quimioterapia. Nos dias em que não se sentia em condições de estar no palco, sua personagem era interpretada por uma substituta. “Qualquer coisa que te distraia é bem-vinda. Não sei se isso contribui para a cura, embora as pessoas digam que sim. Mas é útil psicologicamente. Um amigo, o trabalho, o que te deixa feliz, tudo ajuda... Mas o que cura mesmo é a medicina”, sentencia Márcia.

Na última etapa do tratamento, o que determinava se a atriz atuaria ou não na peça era a sua reação à medicação. Ela lembra que foi uma fase difícil, porque fez quimioterapia intraperitoneal – com fortes efeitos colaterais. Márcia tinha enjoos, não conseguia comer direito, ficou muito magra e abatida. “Em alguns momentos, eu conseguia trabalhar. Em outros, passava dias seguidos de cama, sem poder levantar. Fiquei muito tempo deitada, com tudo fechado, sem comer, sem nada. Os efeitos colaterais fazem parecer que você está muito mais doente do que realmente está”, recorda.

Um aspecto simbólico da quimioterapia para a mulher é a queda dos cabelos, sobretudo quando a paciente depende da própria imagem para trabalhar. Márcia conta que todo o seu cabelo caiu, inclusive os cílios, mas que confiava em seu médico, que garantiu que tudo voltaria ao normal. “Tem gente que



“O humor faz parte da minha personalidade. Eu sou assim. Então, havia dias em que eu ria de mim mesma; em outros, eu chorava. Em alguns textos do meu *blog*, eu falo isso, que sofri, que chorei, que estava me sentindo péssima. Mas fiz tudo de maneira bem-humorada”

“Eu hoje faço mais viagens, mesmo quando estou sem dinheiro, mas eu vou. Também não faço mais trabalhos que eu não quero fazer, por amor a mim mesma. Acho que agora eu tenho que ser mais feliz”

fala que tira de letra, mas eu não tirei nada de letra. Para mim, foi muito dolorido, eu sofri muito. Raspar a cabeça foi muito difícil. Tudo bem que isso é o de menos, diante do risco de morrer, mas na hora é muito ruim”, confessa.

Do drama à comédia, Márcia Cabrita decidiu usar o que tem de melhor para lidar com a situação: o humor. Ela, então, criou um *blog*, batizado de *Força na Peruca*, com textos relatando o seu dia a dia diante das questões relacionadas à doença e ao tratamento. E encarando o problema com muito pragmatismo. “Isso me ajudou demais. Eu discordava de muitas coisas que as pessoas falavam, como: ‘Tem que ter pensamento positivo’, ‘não pode pensar nada ruim’. Isso é mentira! No início, eu não tinha pensamentos positivos. Também não entendia essa história de que Deus vai curar. Como é que Ele cura um e não cura outro? Isso não entrava na minha cabeça”, lembra.

A resposta ao *blog* foi a melhor possível. Em pouco tempo, a página começou a ser acessada por milhares de pessoas, de vários cantos do mundo, da Finlândia ao Japão. O motivo do sucesso talvez esteja na forma como a questão foi abordada, sempre em tom leve e divertido. “O humor faz parte da minha personalidade. Eu sou assim. Então, havia dias em que eu ria de mim mesma; em outros, eu chorava. Em alguns textos, eu falo isso, que sofri, que chorei, que estava me sentindo péssima. Mas fiz tudo de maneira bem humorada”, orgulha-se.

Se escrever o *blog* ajudou a canalizar os pensamentos a respeito da doença, o apoio da família e dos amigos foi fundamental para superar o difícil

tratamento. “Eu nem tenho palavras. Minha mãe, de 82 anos, ficou direto comigo. Meus amigos também. Tive – e tenho – muito apoio dos meus familiares e dos meus amigos. Quando vou fazer algum exame, minha irmã vem de Niterói (cidade vizinha ao Rio de Janeiro) para ir comigo”, frisa. De todos os medos que envolvem a luta contra o câncer, Márcia Cabrita não hesita ao apontar seu maior: o de deixar a filha órfã. Ela discorda das pessoas que acreditam que seu amor pela filha poderia salvá-la e considera a afirmação injusta com os pacientes que morrem. “Então, se eu morresse, iam dizer que eu não amava minha filha o suficiente para me curar? Isso não é verdade! Amor nenhum salva ninguém de um câncer que não tem cura. Se a pessoa se salvou foi porque o câncer teve cura – e não porque amava muito o filho. Na verdade, o amor pela minha filha era um motivo de grande preocupação”, assume.

Três anos depois do furacão que mudou sua vida, Márcia Cabrita tem uma rotina normal. Ou quase. Ela faz exames regularmente e deixou de adiar “aquela” ida ao médico. A atriz conta que, após essa jornada, algo mudou. “Vivo com um ‘fantasminha’ que está sempre me rondando e com o qual terei que lidar pelo resto da vida”, reconhece. Por outro lado, ter enfrentado uma doença tão assustadora a fez repensar algumas atitudes: “Eu hoje faço mais viagens, mesmo quando estou sem dinheiro, mas eu vou. Também não faço mais trabalhos que eu não quero fazer, por amor a mim mesma. Acho que agora eu tenho que ser mais feliz. Então, eu falo mais ‘nãos’.”

Márcia Cabrita também não tem dúvidas sobre que mensagem deixar para quem passa pelo mesmo problema que ela. “Acesse meu *blog*! Quando fiquei doente, eu quis conversar com pessoas que já tinham enfrentado o câncer. Eu achava que só quem já esteve doente conseguiria me compreender. Foi por isso, também, que eu criei o *blog*”, ressalta.

E, como filme de humor tem que terminar com piada, Márcia Cabrita deixa para o final uma de suas “invenções” do período do tratamento. Ela adotou o que chamou de “cartão-câncer”, uma espécie de salvo-conduto que dava o direito de fazer qualquer coisa, ideia que tirou de um livro. “Quando você tem câncer, acha que pode fazer tudo. Eu furava fila, entrava na fila dos idosos... Era só dizer: ‘Estou com câncer. Vai me tirar daqui?’”. Eu fiquei doida, podia fazer tudo. Mas nunca ninguém me tirou da fila. Também furava a fila em engarrafamentos e pedia para os outros me trazerem as coisas. Falava: ‘Eu tive câncer, me traz uma água de coco...’. Fazia uma manha”, brinca a comediante. ■